

“UMA VISÃO PSICANALÍTICA DO TRANSTORNO DO DÉFICIT DE ATENÇÃO E HIPERATIVIDADE”

Denise da Cruz Gouveia

Para abordar o Transtorno do Déficit de Atenção e Hiperatividade que, hoje, tem se difundido como o responsável por grande parte das questões que as crianças apresentam e, especialmente por seus problemas de aprendizagem, vou fazer referência a um caso clínico de uma criança que agora está com 8 anos. Este menino, que estava em atendimento comigo há poucos meses, foi encaminhado pela escola para uma avaliação desse transtorno com uma neurologista, que atendia outras crianças dessa mesma escola.

Curiosamente, este menino, longe de ser hiperativo, era extremamente passivo e foi sobre isso que fiz a minha primeira pergunta, quando essa médica me ligou para confirmar o diagnóstico desse transtorno na criança. A resposta foi que o déficit de atenção podia tanto provocar um quadro de hiperatividade como de hipotividade, de onde se conclui que o fator central nesse transtorno é o déficit de atenção.

É, pois, sobre a questão da atenção que me deterei, de forma particular, contrapondo as concepções que dela têm a neurologia e a psicanálise, respectivamente.

Recentemente, li a transcrição de um seminário ministrado por Alfredo Jerusalinsky¹, em junho deste ano, onde ele faz um resumo de suas buscas, nas pesquisas neurológicas sobre a atenção. Ao invés de encontrar uma definição,

relata ele, encontrou a afirmação de que não se sabe em que ela consiste, nem onde ela se situa no cérebro.

Em contraposição a essa indefinição da neurologia, Freud, em 1895, no “Projeto para uma psicologia científica” que, na tradução em espanhol (“Proyecto para una psicologia para neurologos”) traz assinalado a quem se destina, situa e define a atenção². Situa-a naquilo que ele concebia então como eu e que está muito próximo da concepção de sujeito psíquico de Lacan, ou seja, do sujeito dividido em inconsciente e consciente. Portanto, não se trata de um eu originário, mas de um eu que se constitui e precisa de um tempo para isso. Isso quer dizer que a atenção não é algo que está dado desde sempre, mas é uma função que se estabelece no processo de constituição psíquica. Por outro lado, Freud define a atenção como a função que permite estabelecer a relação entre uma representação e uma percepção. Ainda segundo Freud, a atenção corresponde a um estado de expectativa.

Mais do que definir e situar a atenção, Freud estabelece também a sua origem, na vivência de satisfação primária e, mais precisamente, na alucinação primária. Vale a pena explicar cada um desses termos para esclarecer o caminho que faço para dar maior precisão ao conceito psicanalítico de atenção, no processo de constituição psíquica. Chama-se vivência de satisfação a um

Denise da Cruz Gouveia - Psicopedagoga e Psicanalista, Mestre em Psicologia Escolar e do Desenvolvimento Humano pelo Instituto de Psicologia da USP, Professora de cursos de Psicopedagogia.

*Correspondência
Rua Canário, 917 - Apto. 102 - São Paulo - SP - Brasil
04521-004 - Tel: (11) 3865-2370 - Fax: (11) 3865-2370
E-mail: dcgouveia@uol.com.br*

dos pólos do conjunto de registros das primeiras experiências do bebê (o outro pólo corresponde ao conjunto de registros da vivência de dor). Desse conjunto de registros, que advém da repetição da experiência de satisfação, onde a criança é atendida nas suas necessidades pela figura materna, os principais são a imagem do objeto satisfatório e o estado de desejo que busca reviver a experiência de satisfação. A alucinação primária, por sua vez, é uma falsa percepção. Explicando melhor: no estado de desejo, a imagem do objeto satisfatório é reanimada resultando em algo semelhante à percepção, ou seja, numa alucinação. Esta satisfação através da alucinação tem vida curta, na medida em que não leva à satisfação real.

No entanto, é a alucinação primária que se desdobra na representação, na percepção e na própria atenção, nos primórdios da constituição do sujeito psíquico ou da organização psíquica. A imagem do objeto satisfatório alucinada, ou seja, a falsa percepção, dá origem à representação de desejo, o germe das representações inconscientes. Essa alucinação, por outro lado, na medida em que se torna representação, libera o campo da percepção, dando origem também à percepção real, voltada para o mundo externo, o germe das representações conscientes. Finalmente, o investimento que, na alucinação, faz reviver a imagem do objeto satisfatório, se transforma em atenção psíquica em busca do objeto satisfatório no mundo exterior, ou seja, na percepção real.

Através desse detalhamento é possível entender melhor a afirmação sobre a atenção como um estado de expectativa, pois quando se dirige a atenção para o mundo externo, ao menos inicialmente, existe a expectativa de encontrar o objeto satisfatório. E, na medida em que todas as representações guardam uma relação com essa primeira representação, a atenção conserva esse caráter. Entende-se perfeitamente quando se diz que só damos atenção àquilo que nos interessa.

Na perspectiva psicanalítica, portanto, não é possível pensar a atenção de forma autônoma. É preciso pensá-la nessa articulação, onde o desejo

orienta os investimentos no mundo externo. Não se pode perder de vista isto, quando nos vemos diante de crianças das quais a escola ou os pais se queixam de falta de atenção.

O menino ao qual já me referi, aos sete anos e meio, usava chupeta e paninho, mesmo durante o dia. Winnicott³ destacou a importância desses objetos transicionais, na constituição psíquica da criança. Enquanto objetos substitutos do seio ou da mãe, eles têm a função de representá-los simbolicamente, inaugurando o campo da brincadeira simbólica, da fantasia e da criatividade. Por outro lado, enquanto objetos da realidade, distintos do seio e da mãe, eles têm a função de abrir o campo da percepção e da experiência no mundo externo. É o próprio Winnicott, porém, que adverte sobre a possibilidade e o perigo desses objetos transicionais se tornarem objetos fetiches. Explicando melhor, a chupeta ou o paninho podem assumir a função de obturar a falta do seio ou da mãe, na medida em que estão demasiadamente colados a eles, estancando o processo de constituição psíquica. A persistência no uso desses objetos, nessa criança de sete anos e meio, explica tanto o caráter empobrecido de sua brincadeira, que se resumia à manipulação de brinquedos, como o seu alheamento ao mundo externo e a atenção “deficitária” que dava aos seus objetos.

É preciso fazer funcionar esse movimento articulatório entre a representação de desejo, a atenção e a percepção para entender as consequências de um “transtorno” nesse processo de constituição psíquica. A primeira condição para que essa organização psíquica inicial se complete, culminando na divisão entre inconsciente e consciente, é que a partir da representação de desejo se constitua uma cadeia de representações. É a diferenciação entre percepção e representação que permite isso, na medida em que a semelhança entre a representação de desejo e a percepção do objeto satisfatório no mundo exterior é sempre parcial, fazendo com que esse movimento se repita mais uma vez e mais uma vez. A repetição desse movimento produz a extensão da cadeia representativa com

a interposição de representações substitutivas entre a representação de desejo e a percepção. Essa cadeia de representações substitutivas, portanto, diz respeito a uma série de objetos do mundo externo, que são tomados como símbolos do desejo, ou seja, que se relacionam entre si, porque, embora distintos, guardam uma relação de semelhança com o objeto satisfatório.

Essa extensão da cadeia representativa, enquanto primeira condição da constituição do sujeito psíquico dividido, é também a primeira condição da aprendizagem concebida como reconstrução dos conhecimentos socialmente compartilhados, na medida em que aí se forja a função significativa ou de significação necessária à compreensão desses conhecimentos transmitidos por palavras e por imagens. Essa extensão da cadeia representativa é ainda a primeira condição para que o pensamento lógico se estabeleça, pois como apontamos acima é aí que se constroem as equivalências simbólicas, as séries hierárquicas e as relações de semelhança e diferença. Embora essas relações lógicas, inicialmente, regulem apenas as representações substitutivas da representação de desejo e,

portanto, a fantasia, com a divisão psíquica em inconsciente e consciente regularão também o mundo dos objetos e das palavras, tomados na sua objetividade, ou seja, esvaziados de seu conteúdo de desejo.

O estancamento na constituição psíquica desse menino de sete anos e meio, provocado pela obturação da falta que o uso persistente da chupeta e do paninho denotava, explica também os problemas que ele apresentava no seu processo de aprendizagem, comprometido sobretudo pelas falhas no raciocínio lógico e na compreensão e expressão da linguagem oral e escrita.

No entanto, essa médica neurologista atribuía todos os seus problemas escolares e o seu atraso de desenvolvimento ao déficit de atenção. Podemos concluir, portanto, que mesmo sem saber no que consiste a atenção e onde ela se situa no cérebro, não podendo o seu déficit ser detectado a não ser através de manifestações fenomênicas, a neurologia a reveste de autonomia e a erige como causa das mais diversas perturbações, esquecendo do lugar do sujeito para fazer funcionar a função.

REFERÊNCIAS

1. Jerusalinsky A. "Diagnóstico de déficit atencional, qué puede decir el Psicoanálisis?". Texto inédito. Buenos Aires; junho de 2003.
2. Freud S. (1895). "Projeto para uma

psicologia científica", in Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de Freud. Rio de Janeiro: Imago; 1987.

3. Winnicott DW. "O brincar e a realidade". Rio de Janeiro: Imago; 1975.

Trabalho elaborado por esta autora em seu consultório clínico.

*Artigo recebido: 29/10/2003
Aprovado: 23/12/2003*